

Revista digital de Literatura, Folclore
e mitos

Temas do Sobrenatural

Nesta edição...

Artigo:

**ROMANCES SOBRENATURAIS,
POR QUE FASCINAM TANTO?**

Jossi Borges

ANJOS, SANTOS e MILAGRES:

LAGARTIXA DE OURO

Simões Lopes Neto

BRUXAS e FEITIÇARIA:

BRUXAS (EM STA. CATARINA)

Lucas A. Boîteux

COCA E CUCA

Luís da Câmara Cascudo

SERES FANTÁSTICOS:

PRESENTE DE DUENDE

Jossi Borges

LOBISOMEM:

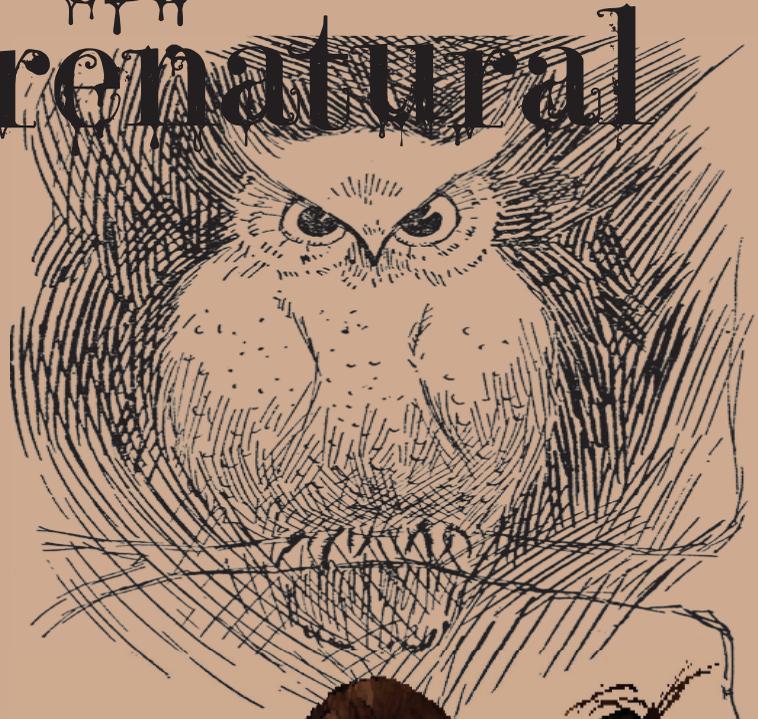
O VELHO LOBISOMEM

Leniria R. Silva

NOITE DE PRATA

M. Blannco

Edição 01 - 08 de junho de 2011



EDITORIAL

Temas que Assustam

Mais uma ideia surgida do amor à literatura, ao folclore e à fantasia. Todos nós temos em nosso âmago esse quê de esquisitos, que nós faz procurar pelo insólito e nos faz sentir prazer em filmes e histórias de terror.

Esse é o motivo pelo qual filmes e livros de terror e fantasia tanto sucesso têm feito, e o por quê de tantos lançamentos literários baseados em temas como vampiros, lobisomens, fantasmas, aparições.

Como amantes do mistério e do insólito, nosso grupo de escritores, que se conheceram através de diversas redes sociais e grupos de leitura na internet, resolveram criar esse zine eletrônico, abordando não apenas a literatura, mas também um pouco do folclore brasileiro e da literatura estrangeira também.

Bem vindo, leitor, à nossa revista que vai abordar todos os temas sobrenaturais possíveis, desde mitos clássicos (vampiros e lobisomens), aos mitos nacionais modernos (botos, iaras, sacis, curupiras e afins).

Jossi Borges

Temas do Sobrenatural - edição 01

8 de junho de 2011

Criação: Comunidade Romance com Tema Sobrenatural (Orkut).

Colaboradores: Ceila Leite, Celly Monteiro, Maya Blannco e Rebis Kramrisch.

Diagramação: Jossi Borges

Capa e imagens: Jossi Borges



ROMANCES SOBRENATURAIS, POR QUE FASCINAM TANTO?

NO MUNDO dos romances, notadamente dos romances femininos, há hoje em dia um novo sub-gênero. Nascido dos romances góticos do século XIX, com raízes em contos românticos-góticos ou de suspense, como “Frankstein” de Mary Shelley, “Carmilla” de J. Sheridan LeFanu e dos romances água-com-açúcar dos anos 50 e 60, o novo romance sobrenatural da literatura feminina engloba nomes e temas diversos.

As mulheres sempre optaram pelo gênero romântico, desde que o mundo é mundo. Mesmo assim, com o advento do feminismo, da liberdade sexual e da maior ênfase dada à expressão das mulheres nos meios de comunicação - dos anos 60 para cá - o romantismo feminino apimentou-se. Esqueceram-se dos antigos folhetins só-açúcar (Corin Tellado, Barbara Cartland, M. Delly) para embrenharem-se nas sagas familiares cheias de pequenos dramas logo resolvidos ou sagas medievais, em que a mocinha-donzela nem é mais tão donzela assim, e o mocinho-herói é, às vezes, um pouco vilão... Nomes como Diana Palmer, Nora Roberts, Lorah Leigh e Christine Feehan despontaram no universo literário feminino, tingindo as antes tão róseas páginas dos romances com gotículas de... suor... e sangue.

E surgiram os mocinhos-vampiros, diante dos quais a antiquada figura do Conde Drácula de Stoker não é mais que um borrão, uma figura em preto-e-branco de um velho e empoeirado livro, bizarra, feia e até um pouco ridícula.

Os mocinhos-vampiros atuais nada tem do antiquado conde dos Cárpatos, com sua capa preta, corte de cabelo curto e lambido, sangue escorrendo no canto da boca, e mau hálito. Agora, as mulheres exigem vampiros belos e aguerridos, mas sem vilania. Jovens, charmosos, roupas modernas e, além das presas afiadas, um membro viril dos bons. De morto, os novos vampiros só tem o nome...

Os novos romances sobrenaturais trazem, além dos vampiros, outros temas igualmente excitantes e cheios de adrenalina: Homens-animais geneticamente modificados (Lora Leigh), lobisomens criados por alterações genéticas ou maldições (Lori Handeland e Ronda Thompson), viagens no tempo (Lynn Kurland), magias antigas (Quinn Taylor Evans, Jill Barnett, Nora Roberts), fantasmas bonitões (Sandy Blair, Rachel Lee), reencarnações (Margaret Chittenden) e até... o cúmulo da fantasia: Demônios com pinta de anjo (Jacquelyn Frank).

A nova mania da literatura romântica agora, são os "romances teen" e novas autoras voltadas para a literatura feminina adolescente destacam-se, como Meg Cabot, por exemplo. Na fantasia em geral, temos a figura do inesquecível Harry Potter, de J. K. Rowling. E pegando carona nesse gênero, surgem diversos outros romances e sagas infanto-juvenis ou femininas, que estão dispostos a qualquer coisa para conquistar os leitores.

No Brasil, o sub-gênero sobrenat-

ural começa a tomar forma, com novos talentos que, aos poucos, vão ganhando os leitores: Martha Arges (*Relações de Sangue*, vampírico), André Vianco (diversos romances com temas sobrenaturais, desde vampiros até assombrações), Giulia Moon (*Luar de Vampiros*, *A Dama Morcega*, etc), Nelson Magrini (*Anjo, a Face do Mal*), Laura Maria Elias (diversos romances com temas paranormais), Adriano Siqueira, do site "Adorável Noite", e outros nomes de talentos incipientes.

Entre os "monstros" sobrenaturais brasileiros, alguns já se tornaram conhecidos do público: Os vampiros perigosíssimos e sem charme - e por isso mesmo tão fascinantes - de André Vianco, a graciosa vampira Lucilla de Martha Arges e os monstregos ora sensuais, ora repulsivos do site Adorável Noite.

Mas novos vampiros vêm por aí. Novos autores insinuam-se no cenário da ficção brasileira. Onde estão? Ainda nas gavetas... esperando apenas que alguns editores abram os olhos, para ver, pelas frestas de tais gavetas, o brilho avermelhado dos olhos deles...

PARA SABER MAIS:

www.amorelivrosarte.justtech.com.br

<http://contosefolhetins.blogspot.com>

<http://romance-sobrenatural.blogspot.com>

<http://alternativosindependentes.blogspot.com>

Procure também conhecer novos autores na comunidade do Orkut, [Romance com Tema Sobrenatural](http://Romance.com.Tema.Sobrenatural).



LAGARTIXA DE OURO

Simões Lopes Neto

FREI SERAFIM DE CATABIA, da ordem dos capuchinhos, chegou ao Recife em 11 de setembro de 1841, começando a percorrer todo o Nordeste em pregação catequística. Foi o grande missionário dos sertões de pedra, dirigindo as “Santas Missões” que ficaram lembradas nas memórias coletivas das regiões visitadas. Irradiava energia, persuasão, bondade. A fama de fazer milagres derramou-se.

O brigadeiro Dendé Arcoverde, rico, poderoso, com um exército de guarda-costas e um harém de seis mulheres, domina o solar de Cunhaú como o derradeiro barão feudal. Frei Serafim foi visitá-lo. Quando o deixou, Dendé Arcoverde dispersou seu bando guerreiro, despediu as mulheres, desarmou-se e nunca mais mandou matar alguém, exceto a si próprio, pois suicidou-se, para não ser preso, a 26 de julho de 1857.

Frei Serafim, a 21 de fevereiro de 1858, benze a primeira pedra da futura matriz do Ceará-mirim, a mais linda igreja da província.

Foi de inextinguível dedicação na epidemia de cólera-morbo.

Velho, doente, cansado, frei Serafim voltou à Itália, para sua amada Catania, na Sicília, onde faleceu a 14 de maio de 1887.

Veio várias vezes ao Rio Grande do Norte e, entre outras, deixou esta lenda de sua intervenção miraculosa.

Um homem de bem, pobre, com família numerosa, estava sendo impaciente de receber os 100 mil réis, e não sabia que fazer para enfrentar a vida difícil. Foi procurar frei Serafim de Catania no consistório da igreja de Santo Antônio, expondo, com lágrimas, sua desventurada situação. O frade ouviu-o, animou-o e erguendo-se, olhou ao redor, vendo apenas uma lagartixa que balançava a cabeça numa janela. O capuchinho fez o sinal da cruz e o animal imobilizou-se como feito de bronze. Frei Serafim embrulhou-o num pedaço de papel e entregou-o ao necessitado penitente.

“Peça dinheiro emprestado sob este penhor e livre-se da miséria. Daqui a um ano volte, trazendo o objeto e o coloque no altar, nos pés de Santo Antônio. Promete?”

“Juro pela salvação da minha alma!” – respondeu o pobre homem.

Correu ao agiota, pedindo a fortuna de 500 mil, deixando um depósito. O onzenário abriu o embrulho e encontrou uma lagartixa de ouro, com a boca de rubis e os dois olhos de brilhantes. Valia o triplo. Pesou, provou, experimentou e deu os 500 mil réis ao freguês. Este, com menos de um ano, estava livre de preocupações. Possuía casa própria, gado, uma loja, a família tranqüila e feliz, cavalo de sela para o trato dos negócios. Foi ao usurário, liquidar o débito. Este propôs comprar a lagartixa de ouro. “Não é minha”, explicou o abastado negociante.

Recebendo o penhor, foi à igreja de Santo Antônio e, feita a vênia, depôs o pacote aos pés do orago. Imediatamente o papel mexeu-se e dele saiu, esfomeada e rápida, uma lagartixa, viva e veloz, em desabalada carreira. O homem percebeu o milagre de frei Serafim de Catania e, ajoelhando, rezou longamente, agradecendo a mercê.

O inimitável Ricardo Palma conta episódio semelhante ocorrido em Lima, no Peru. O taumaturgo é outro franciscano, frei Gomez, nascido em 1560 na Estremadura e falecido a 2 de maio de 1631. Era frade leigo, enfermeiro durante quarenta anos. (Ricardo Palma, *Flor de tradiciones*, "El alacran de Fray Gomez", p.88-94, México DF, 1943).

Um castelhano honrado e velho veio procurar frei Gomez, suplicando-lhe o milagre de uma esmola de 500 duros por seis meses. Frei Gomez nunca tivera uma peseta. Ouvindo o suplicante, comoveu-se e, arrancando uma página de um livro, encolheu com ela um escorpião que atravessava o recanto. Era o lacrau agressivo, anzol na cauda, tesouras abertas, pequenino e feroz. O homem levou o escorpião ao agiota pelo empréstimo de 500 duros.

Transformara-se numa jóia de rainha. Er aum broche, com forma de lacrau. O corpo formado de uma esmeralda magnífica, engastada em ouro, a cabeça d ebrilhantes com dois rubis por olhos. O agiota ofereceu emprestar-lhe o quádruplo. O homem aceitou unicamente os 500 duros e tão bem os movimentou que estava farto e sereno de economia no fim do semestre. Foi pagar a dívida e recobrar a jóia.

Levou-a a frei Gomez. Este repôs o escorpião no peitoril da janela, abençoou-o: "Animalito de Dios, sigue tu caminho..."

E o lacrau recomeçou a andar livremente pelas paredes da cela.

Não ponho dúvidas em crer que a divina intervenção ter-se-á realizado na cidade do Natal na segunda metade do século XIX e na cidade de Lima nos princípios do XVII. Mas há outra, irmã e bem expressiva, René Basset (*Mélanges africains et orientaux*, p.307, Paris, 1915), comentando E. Gaultier no *Contribution à l'étude de la littérature copté* (Cairo, 1905) divulga o caso que na América do Sul tivera personagens como frei Gomez e frei Serafim de Catania. É uma tradição cristã no Egito. Ligada ao ciclo taumatúrgico de São Basílios.

Um pobre, protegido pelo santo, toma emprestado 40 dinares a seu padrinho, dando de caução uma serpente ordinária que São Basílios tornara de ouro, com a cabeça de esmeralda e os olhos de rubis. No fim do ano, o agiota, levado pela avidez e aconselhado pela mulher, recusou devolver o penhor, raro e precioso. Mas a jóia voltou a ser serpente, venenosa e viva. O episódio dos coptas egípcios mantém as mesmas pedras, esmeralda, rubi e o ouro. O ensinamento moral copta em nada altera a substância temática das tradições brasileira e peruana.

(Casculo, Luís da Câmara. "*Lagartixa de ouro*". O Estado de São Paulo, 12 de outubro de 1958)

VOCÊ SABIA?

Luís da Câmara Casculo foi um dos maiores folcloristas e etnografistas do Brasil e sua obra completa é vastíssima, possuindo mais de 150 obras. Sua obra mais importante foi "*Dicionário do Folclore Brasileiro*", obra que é referência no mundo inteiro.



BRUXAS (EM STA. CATARINA)

Lucas A. Boiteux

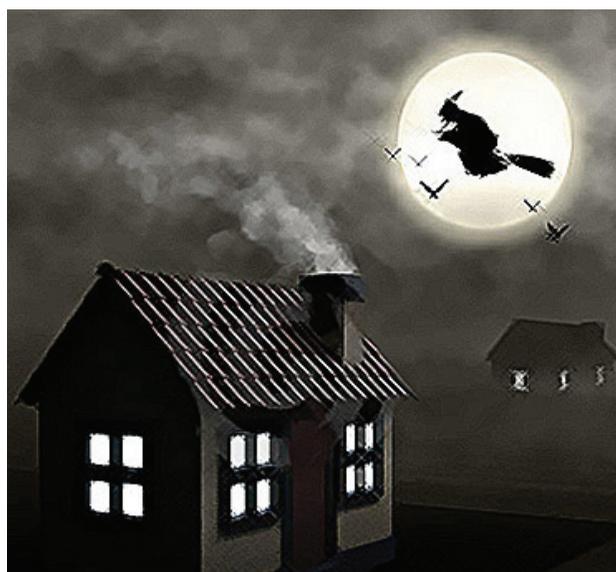
QUANDO DE um casal nascem sete filhas, sem nenhum menino de permeio, a primeira ou a última será, fatalmente, uma bruxa. Para que isso não venha a acontecer faz-se mister que a mana mais velha seja a madrinha de batismo da mais moça. São apontadas como tal certas mulheres magras, feias, antipáticas.

Dizem que têm pacto com o demônio, lançam maus olhados, acarretam enfermidades com os seus bruxedos, etc. Costumam transformar-se em mariposas e penetrar nas casas pelo buraco das fechaduras. Têm por hábito chupar o sangue das crianças ou mesmo de pessoas adultas, fazendo-as adormecer profundamente. A marca do chupão deixado na pele, chamado o vulgo de “melancolia”. Para que as crianças não batizadas não sejam atacadas pela bruxas, deve-se à noite conservar a luz acesa no quarto. Sabe-se que uma mulher é bruxa, quando dá a apertar a mão canhota esquerda. Para se descobrir a bruxa que chupa o sangue da criança e ela logo apareça, soca-se, em um pilão a camisa da criança ou da pessoa por ela chupada. Ela logo se apresenta e pede para que não façam aquilo.

Existe também uma oração contra elas; quem a possui consegue descobri-la e prendê-la e também não adormece quan-

do ela à noite penetra em casa. A pessoa assim premunida toma, para prendê-la, de um tacho ou uma medida de alqueire e logo que a bruxa entra em casa, emborca o tacho ou a medida e ela fica incapaz de sair.

Há ainda outro processo de identificar uma bruxa: vira-se a lingueta da fechadura de uma canastra. A bruxa, ao entrar em casa, a primeira coisa que faz é pedir para endireitar a lingueta.



FONTES:

BOITEUX, Lucas A. “Acheugas à poranduba Catarinense”. Em Boletim trimestral da sub-comissão catarinense de folclore

COCA E CUCA

Luís da Câmara Cascudo

A CUCA OU A COCA é um ente velho, muito feio, desgrenhado, que aparece durante a noite para levar consigo ps meninos inquietos, insones sonos ou faladores. Para muitos a Coca ou Cuca é apenas uma ameaça de perigo informe. Amedronta pela deformidade. Não sabem como seja o fantasma. A maioria, porém, identifica-a como uma velha, bem velha, enrugada, de cabelos brancos, magríssima, corcunda e sempre ávida pelas crianças que não querem dormir cedo e fazem barulho. É um fantasma noturno. Figura em todo Brasil nas canções de ninar. Não há sobre ele episódios nem localizações. Está em toda a parte mas nunca se disse quem carregou e como o faz. Conduz a criança num saco. Leva nos braços. Some-se imediatamente depois de fazer a presa. Pertence ao ciclo dos pavores infantis que a Noite traz.

Amadeu Amaral estudou a Cuca, extensa e sabiamente:

CUCA, s.f. — entidade fantástica, com que se mete medo às criancinhas:

Durma, meu benzinho, que a cuca j'ei vem

Diz uma cantiga de adormecer. Por ext., entre adultos, atos destinados a ate-morizar: “Eu cá não tenho medo de cucas.”

A palavra e a superstição, está quase de todo delida já em S. Paulo, existem espalhadas pelo Brasil.

Num dos seus contos goianos, escreveu Carvalho Ramos: “Ah, sim, a bruxa... Essa, de certo, levou-a o Cuca, num pé de vento, à hora da meia noite... Em Per-



nambuco significa mulher velha e feia, espécie de feiticeira, e é também o mesmo que quicuca, ticuca, rolo de mato (Garcia). Beaurepaire Rohan regista as variantes corica, curuca, corumba, das terras do Norte. A cuca paulista é em tudo semelhante ao vago papão lusobrasil, ao bicho e ao tutu de vários Estados, ao negro velho de Minas. Diz uma quadrinha popular portuguesa, citada por Gonçalves Viana (Palestras Filológicas):

Vai-te papão, vai-te embora de cima desse telhado, deixa dormir o menino um soninho descansado.

Diz uma quadrinha mineira, visivelmente aparentada com a precedente:

Olha o negro velho em cima do telhado. Ele está dizendo, quer o menino assado.

Outra, ainda mais próxima da portuguesa, e também de Minas (citada, como a primeira, por Lindolfo Gomes):

Vai-te, Coca, sai daqui para cima do telhado; deixa dormir o menino o seu sono sossegado.

Vê-se desse exemplo que em Minas se

diz coca. As formas portuguesas são coca e coco. Na procissão de Passos, em Portimão, havia um indivíduo vestido de túnica cinzenta e coberto com um capuz, a quem chamavam coca (Leite de Vasconcelos, segundo Lindolfo Gomes). A essa figura correspondia, nas antigas procissões do Enterro, em Minas (Lindolfo Gomes), e na dos Passos, em S. Paulo, o farricoco.

Lê-se no S. Paulo antigo: “Adiante dessa soleníssima procissão era costume, parece que até o ano de 1856, ir o pregoeiro, chamado Farricoco ou a Morte – vestido de uma camisola de pano de cor preta, tendo na cabeça um capuz do mesmo pano, que lhe cobria o rosto, com dois buracos nos olhos, e lhe caía sobre o peito... sendo que as crianças, ao avistarem esse feio personagem, ficavam apavoradas, pois umas choravam e outras tapavam com as mãos os seus olhos”. — Em Espanha há coca, serpente de papelão que, na Galiza e outras províncias, sai no dia de Corpus Christi; há também *mala cuca*, malicioso, de má índole. G. Viana (Palestras) refere-se ainda a uma palavra castelhana coco, entidade fantástica, que se julga habituada a devorar criaturas humanas, como o papão. A sinonímia entre *papão* e *coco* ou *coca* está estabelecida no seguinte dístico das Orações acadêmicas de frei Simão, citado por G. Viana:

O melhor poeta um coco, o melhor vate um papão.

Coco encontra-se ainda em Gil Vicente, no Auto da Barca do Purgatório, onde parece indicar o diabo:

Mãe, e o coco está ali.

Rubim parece que dava a *coco* a significação geral de entidade fantástica; definindo bitu, chama-lhe — “coco para meter medo

às crianças”, e define identicamente boitatá. (Amadeu Amaral — O Dialeto Caipira, pp. 123/124. S. Paulo, 1920)

Fica, evidentemente, assentado que *coco*, *coca*, e *cuca* são uma e a mesma entidade. Mostra-se igualmente sua existência em Espanha e Portugal, em aplicação irmã à que ouvimos em nossa meninice.

Falta apenas o fio explicador desse fantasma que nos recordamos saudosamente de sua existência. Sua significação escapa também aos estudiosos porque os entes fabulosos que amedrontam as crianças têm sido examinados às pressas, sem maiores simpatias ou com notável indiferença erudita.

É possível tentar alumiar a gênese desse monstro familiar, ajudado por alguns bons dicionaristas.



FONTES:

Cascudo, Luís da Câmara. *Geografia dos Mitos Brasileiros*.
Amaral, Amadeu. *O Dialeto Caipira*, pp. 123/124. S. Paulo, 1920



Uma noite de Natal... Uma mulher dividida entre um amor forte do passado e um idílio do presente. E uma estranha criatura que, na magia do Natal, resolve ajudar Danna a resolver aquele impasse!

DURANTE ANOS DANNA sonhara com aquele homem. Nem saberia dizer ao certo como ou por que, mas sempre sonhara com ele... Que gênio mágico toca com sua varinha encantada o ser humano pelo qual outro ser humano se apaixona? Haveria uma explicação racional para o fato de você – entre tantos seres semelhantes, mais ou menos com as mesmas características físicas, psicológicas, sociais – escolher um, determinado? Por que justamente aquele homem (ou mulher) destacando-se na multidão? Se ele ou ela poderiam facilmente ser confundidos com outros...? Se não possuem nada que os distingua dos demais – como uma beleza extraordinária, ou uns olhos magníficos... ou uma carreira brilhante graças à uma personalidade carismática...? O quê exatamente tinha ele...?

Danna estava sentindo-se muito sozinha naquela tarde, véspera de Na-

tal, apesar de sua casa estar cheia de pessoas – amigos e parentes. Apesar de sua recente separação do marido, Ulisses, a família fizera questão de visitá-la e resolveram que passariam em sua casa a noite de Natal, talvez para animá-la e dar-lhe alguma forma de apoio emocional. Ela, entretanto, não estava triste... não exatamente. Apenas um pouco melancólica, como se sua energia toda tivesse sido drenada e a exaustão física se refletisse em sua mente e até em sua aparência. Léia, sua prima, insistira em levá-la ao cabeleireiro, para dar um “up” no visual, como ela dissera... fora uma maneira delicada de ajudá-la a livrar-se daquele cabelo que mais lembrava uma vassoura, sem corte e forma definida. Ela observara-se ao espelho: Olhos fundos, pálida, ombros caídos, um ar de desleixo e abatimento. Sabia que era preciso melhorar a aparência, pois talvez... talvez... naquela noite... ela o visse. Alexandre.

Desde que o conheceu, há cerca de quatro anos atrás, sentira-se estranhamente atraída por ele. Uma volúpia no ar... um perfume... um sorriso encabulado... uma troca de olhares... um toque de mãos... outro sorriso. Uma espécie de magnetismo, uma aura dourada e azul em torno daquele rosto claro, daqueles olhos azuis, daquele sorriso que tinha um quê de infantil.

Nisso resumiu-se o encantamento que a dominara desde então. E que crescera, enraizara-se, tornara-se uma paixão secreta.

Alexandre era primo em segundo grau de Ulisses, e considerado quase um irmão mais novo pelo seu marido. Frequentava-lhes a casa, em finais de semana, quando comparecia com o restante da família: seus pais e irmãos.

Dentre todos aqueles rostos, somente o de Alexandre fulgurava para Danna, como se uma luz interior se refletisse em sua pele e uma doce e ave-ludada magia rodopiasse entre eles, transmitindo-lhes sem palavras o sentimento e o desejo secreto...

O casamento com Ulisses era uma história muito diferente. Ulisses era um homem prático, empreendedor, forte, pouco dado a romantismo. Inicialmente, houvera entendimento entre eles... mas o tempo e a rotina acabara por separá-los. E talvez algo mais... Danna culpava-se pelo fim do casamento, pois fora a única causadora.

Pensara muito em Ulisses nos últimos dias, quando ele fora embora, após uma briga violenta, em que ela o acu-

sara de preteri-la pelos negócios. Não, ele dissera, ela sabia que os negócios – ele era o diretor de uma próspera agência de propaganda em Curitiba – foram apenas o pretexto para ela. E que toda e qualquer atitude dele em relação a trabalho e negócios visavam única e exclusivamente melhorar a vida de ambos...

Ela sorriu para Léia, que arrumava a árvore de Natal na sala. A prima falou, retribuindo-lhe o sorriso:

— Vai vestir-se? Querida, aquele vestido vermelho rebordado com miçangas vai deixá-la deslumbrante... - piscou-lhe um olho, com ar maroto.

— E por que eu ia...

— Ah, meu bem. Não nasci ontem. Sei muito bem que... o Natal é um dia especial... e que coisas maravilhosas... e até inacreditáveis acontecem nesse dia... Pense bem. Capriche no visual.

Ela mirou na prima um olhar confuso. Será que Léia... saberia de alguma coisa? Mas tinha absoluta certeza que não! Jamais contara nada, e fora um furtivo beijo trocado com Alexandre, uma vez – uma única vez – eles jamais tinham tido qualquer relacionamento.

Agora, enquanto observava Léia, notava nela alguma coisa estranha... estaria vendo coisas...? A pele da prima parecia muito corada e clara, como a pele de uma europeia, e Léia era morena clara, de pele cor de canela. Havia ainda um brilho traquinas nos olhos dela, e o sorriso... Era brincalhão, cheio de uma energia que parecia contagiá-la. Léia era sua amiga, mas nunca fora muito de brincadeiras, ostentando sempre um ar sério, mesmo quando faziam co-



mentários jocosos sobre qualquer coisa.

Ela deu de ombros. Tudo parecia cheio de brilho hoje... talvez fosse a “magia no Natal”, ela riu-se consigo mesma. Até mesmo a fantasia de “Mamãe Noel” que Léia usava parecera-lhe extravagante e fora do “padrão Léia”...

Subiu as escadas para seu quarto, onde procurou por seu vestido. Vermelho, a cor do Natal. A cor da paixão...

Ela segurou o vestido diante de si, ao espelho, e sorriu aprovando. A cor vibrante parecia irradiar força e destacar o leve rubor de suas faces antes pálidas, o negro ônix de seus olhos e infundir um brilho de cobre aos cabelos castanhos e longos.

Vou ficar bonita para... para... para o meu amor.

Apesar da alegria, uma pequena pontada de tristeza toldou-lhe o semblante.

Ele estava lá, como ela havia planejado... Alexandre, juntamente com sua mãe, seu pai e os irmãos... Ele viera. Ela desceu as escadas, para recepcionar os convidados, e ficou grata pelo ar embevecido de todos os familiares diante dela, e os elogios à sua decoração de Natal.

— Devo tudo à Léia, claro – ela anunciava, olhando para a prima, incansável em arrumar os presentes debaixo do pinheirinho, trazer os arranjos de flores para a mesa, os pratos, o belíssimo peru dourado e rodeado de fatias de laranjas e maçãs.

Sentiu-se grata à prima por todo aquele trabalho.

Então, sempre conversando com um e outro, ela dirigiu-se até um canto da sala, onde estava Alexandre, parado, com um pequeno embrulho arrematado por fita de cetim.

— É para você, Danna.

— Obrigada... Alex.

Os olhos dele mergulharam nos seus, em um afago silencioso, macio e erótico... ela sentiu que as pernas ficaram trêmulas.

— Não vai abrir, Danna? – Ele perguntou.

Quando ela meneou a cabeça e começou a desfazer o laço, Léia puxou-a de leve pelo braço, dando um sorriso de desculpas para Alex.

— Você precisa fazer o seu pedido de Natal – anunciou Léia, com o mesmo rosto corado, olhos reluzentes, que Danna notara antes.

— Como? O quê...?

— Seu pedido de Natal, Danna! – Léia disse, sempre sorrindo. – Esqueceu-se que Papai Noel pode realizar algum desejo seu hoje...?

Danna sorriu da brincadeira da prima, e para livrar-se logo dela, assentiu.

— Claro, vou fazer...

— Tem que ser agora...

Léia olhou para o relógio, que marcava quinze minutos para a meia-noite.

— Ora, que bobagem, Léia... Você hoje encarnou mesmo o espírito da coisa, heim...? – Danna brincou, lançando um olhar na direção de Alex.

— Danna, por favor. É a sua chance! – Tornou Léia, com uma voz estranha e rouca.

Danna fechou os olhos, e pensou: Minha prima está meio maluca hoje... bem, mas não custa brincar um pouco... que seja... desejo encontrar hoje meu verdadeiro amor. E que seja eterno.

— Pronto!

Ela sorriu para Léia, que soltou-lhe o braço e saiu alegremente, em direção à mesa da ceia.

Mas quando voltou-se para Alex, não o viu mais no lugar onde o tinha de-

ixado. Olhou desanimada para o pacote de presente em suas mãos, e depois abriu-o, com um movimento nos ombros. Era um belo estojo de madeira artesanal, com a tampa esculpida em motivos florais e forrado com um veludo cor de creme. Lindo, mas sem nenhum significado especial... bem, o quê ela queria?

Ela e Alexandre mal tinham conversado, nos últimos dias, mal tinham se visto... nem sequer tinham conversado sobre... sobre a situação atual dela.

Procurou por Alex, entre os convidados, e não o viu. Então, ouviu um ruído às costas e percebeu a porta que dava para os jardins da casa fechando-se.

Suspirou. Colocou o presente sobre um aparador e foi na direção da porta que se fechara. E como se um filme começasse a se desenrolar dentro de sua cabeça, ela reviu tudo... desde o começo. Lembrou-se, não de Alex, mas de Ulisses.

Lembrou-se de como haviam se conhecido... o namoro... os passeios nos dias quentes de primavera, as mãos dadas, as trocas dos primeiros beijos...e depois... E depois a felicidade de um casamento que parecera perfeito... que fora perfeito... por que... por que tudo acabara?

Ela sentiu de repente toda a onda de tristeza que, por dias a fio, tentara manter estancada dentro de si... Mas a onda minou sua resistência, desceu com a fúria selvagem de uma tempestade, explodindo dentro dela... Ela segurou o trinco da porta com mãos trêmulas, sem saber ao certo se a abria, se a deixava fechada, se voltava para seu quarto...

E quando sentiu que as lágrimas inundavam-lhe os olhos, ela abriu a porta e saiu para o ar fresco da noite.

Seu vulto esguio, elegante, era uma aparição espectral e rubra dentro da noite morna. Começou a andar sem rumo pelo jardim, respirando o ar perfumado pelas flores dos grandes pés de flamboyants que ladeavam os caminhos entre os canteiros.

Deveria procurar Alexandre? Mas para quê, perguntava uma vizinha maldosa em sua cabeça. Durante anos ela esperara por ele... e hoje chegara a hora...

Mas será mesmo que era por Alexandre que esperara? Ele fora, sem dúvida, o homem que povoara sua imaginação, desde que o conhecera... Seu rosto bonito e infantil de olhos claros, cabelos finos e louros.

— Mas fale a verdade, Danna. O que mais tem Alexandre de especial, além de um belo rosto imberbe?

A voz agora não vinha de sua cabeça, mas de alguém que, subitamente, esgueirava-se entre as sombras dos flamboyants, uma criatura pequena, de voz fina e esganiçada, e que um instante atrás ela julgou ser Léia. Então ela firmou os olhos, e viu: Era a figurinha que se passara por Léia, mas não era a prima na verdade. Era uma mulherzinha de rosto sorridente, muito corado, cabelos anelados e brancos e olhinhos vivos.

— Quem é você? — Ela deu um passo atrás, sem reconhecer a velhinha de olhos brilhantes.

— Não é tão importante agora saber



quem sou... Digamos que sou um duende de Natal – a velhinha desatou a rir.

– Isso não tem graça!

– Danna, pense... O que tem Alexandre de especial para que você esteja tão apaixonada por ele...? - Insistiu a mulher.

Danna ficou por instantes meio tonta... tinha tomado apenas um copo de champanhe, não era possível que estivesse bêbada. Mesmo assim, sentia-se tomada por uma estranha sensação de irrealidade, e quando respondeu à criatura, era como se falasse consigo mesma, ou estivesse sonhando:

– Alexandre...? Bom, nada... Ele é bonito... Embora, eu deva confessar, Ulisses também seja...

Ela lembrou, com uma profunda dor que lhe esmigalhava o coração, o rosto moreno e anguloso de Ulisses, seus grandes olhos castanho-esverdeados, os cabelos escuros e sedosos... E como ela sentia-se orgulhosa por ter sido escolhida por ele. E o sentimento de humilhação quando percebeu que a vida profissional ativa do marido, suas viagens constantes, a carreira de sucesso, sua escalada social, o estavam tirando dela...

– Por quê você deixou de amá-lo, Danna? - O pequeno duende feminino olhava para ela, como se lesse seus pensamentos.

– Ulisses...? Sim, eu acho que deixei de amá-lo... - E uma súbita certeza cresceu dentro dela, engolfando-a como uma onda e abalando seus alicerces emocionais. - Não! Eu nunca deixei de amá-lo... Nunca... Para mim ele sempre foi o mais belo dos homens...

Ela soluçou baixinho.

– E ele também tinha outras qualidades, minha querida? - Perguntou a mulherzinha, com uma voz doce.

– Sim... Sempre foi educado... e generoso.

Ela lembrou de quanto Ulisses a mimara, quando percebera os ciúmes dela, o quanto ele tentara desfazer as más interpretações que ela fazia de suas viagens, acusando-o injustamente de ter outras mulheres. Ele sempre tentara apaziguá-la, agradando-a, fazendo-lhe carinhos, comprando-lhe presentes, saindo com ela sempre que possível. Mas ela sempre estivera cega a tudo isso. Diante de seus olhos e de seu ciúme doentio, ele fazia tudo aquilo para compensá-la ou aliviar um pouco o peso da culpa que sentia. Ela achava que ele tinha que ter outras mulheres, ou que não podia mais amá-la... afinal, um homem em ascensão profissional, bonito, elegantes, rico, não poderia amar uma mulher medíocre como ela... Alguém que nada fazia além de gastar seu dinheiro e badalar pelo mundo, sem uma profissão decente, sem um diploma universitário, uma carreira digna.

– Então, minha querida... O que separou vocês foi seu ciúme, estou certa?

– Sim, foi... ele talvez nunca tenha me enganado... não sei...

– Não, querida. Lembra-se de como você contratou todos aqueles detetives para seguirem-no...?

Sim, ela se lembrava. Contratara detetives, e embora eles jamais tenham trazido prova alguma da culpa de Ulisses, ainda assim ela continuou desconfiada...

– Eu nunca acreditei na sinceridade de Ulisses... sempre fui muito mesquinha. Tornei-me tão irascível que ele não suportou-me mais... brigávamos constantemente... e tudo por que eu provocava...

– E foi assim que você criou para si mesma a ilusão de amar Alexandre, o primo jovem e mais tímido de Ulisses... certo? - Perguntou ainda a mulherzinha.

– Sim... Alexandre nunca teve uma carreira muito brilhante. Sempre foi um

homem mais reservado, tímido, pacato. É bonito, mas creio que... só isso. E a idéia de apaixonar-me por Alex talvez tenha sido por isso... ele jamais me causaria tantos ciúmes, jamais me deixaria tão insegura...

— Ulisses nunca deixou de amá-la, querida. Só você mesma. Você deixou de amar-se, quando pôs em dúvida o amor de Ulisses por você. Quando acreditou ser uma mulher sem graça e medíocre. Quando imaginou-se feia e deselegante. Olhe para si mesma agora. Vai enxergar a mulher bonita que é, a mulher charmosa, inteligente e graciosa que Ulisses amou e ainda ama...

De repente, uma brisa mornou soprou pelo jardim, fazendo com que as folhas das árvores ressoassem como mil sininhos, as flores esvoaçando por todo lado, como pequenos flocos de neve. Danna piscou, atordoada... estivera conversando... com quem...?

Ela olhou à sua frente, e não viu mais a mulherzinha de cabelos brancos que se passara por Léia. Onde estaria a tal criatura? O que acontecera? Quem era?

Estou definitivamente louca, pensou Danna. Passados os feriados, irei consultar um médico... agora dei para conversar sozinha e ter amigos imaginários, pensou ela, sentindo um frio no estômago.

Notou um movimento atrás de si e virou-se, pronta para levar outro susto. Dessa vez, seria o Coelhoinho da Páscoa? Ou a Mula-sem-Cabeça?

— Feliz Natal, Danna.

O homem à sua frente sorriu-lhe, com seus dentes fortes, o rosto moreno com uma barba incipiente, os olhos esverdeados brilhando de emoção.

— Ulisses!

Era outra alucinação?

— Eu... eu fiquei pensando... muito

em nós, Danna – ele disse. – E cheguei à conclusão que não gostaria de passar sozinho o Natal. Queria passá-lo com você.

Ela olhou em torno de si, um pouco atordoada.

—Comigo...? Mas nós...

— Eu sei, eu sei... mas Danna. Pense um pouco. Tudo o que falamos aquele dia, um ao outro... as coisas de que você me acusou... doeram muito. Mas eu posso entender seus sentimentos de ciúme, coloquei-me em seu lugar. Eu também ficaria enciumado se você viajasse tanto, passasse tanto tempo longe de mim. Eu gostaria de recomeçar tudo, Danna.

Danna estava surpresa, e quando ia responder, a mulherzinha dos cabelos brancos passou por eles, dando uma piscadela.

Ulisses olhou para ela, e franziu a testa.

— Hã... quem é a figura...?

— Uma... vizinha... um pouco excêntrica, mas uma boa pessoa...

Ele também a viu, pensou Danna. Não era uma alucinação.

Ulisses sorriu. E continuou, tomando as mãos dela entre as suas:

— E então, meu amor? Vamos tentar novamente...?

—Ulisses... você sabe que sempre amei você. Mas a vida que levávamos... não, não suportarei continuar daquele jeito. Você sempre viajando... eu me sentindo a última das mulheres... não...

— Meu amor, você sempre foi a primeira e a única para mim – ele disse, puxando-a para o peito largo. Danna sentiu novamente a fragrância masculina que ele usava, com um arrepio de excitação tomando-lhe o corpo inteiro. – Mas eu pensei muito... E se foi minha profissão que se tornou a barreira entre nós, isso pode ser mudado.

— Como assim? – Ela perguntou,

sem acreditar no que ouvia.

— Eu tenho um capital guardado, você sabe... chegou a hora de abrir minha própria empresa. Nossa empresa, na verdade... e quero você comigo. Minha sócia e diretora, o que acha? Você estará ao meu lado em toda parte...

Ele riu, e ela também, sem acreditar no que ouvia.

— Sua sócia... você quer dizer que... eu trabalharei dentro da empresa... ao seu lado?

— Exatamente. Você sempre teve tino para os negócios. E uma grande veia artística. Ninguém melhor para ajudar-me a administrar uma empresa de marketing, principalmente no que se refere às artes gráficas.

Danna mal podia acreditar no que ouvia. Era mágica. Pura mágica. Pensou: amanhã vou acordar e perceber que tudo não passou de sonho...

Mas então abraçou com mais força o seu marido, sentiu o perfume dele, e depois o roçar de sua barba em seu rosto, o toque de suas mãos, o beijo profundo, a língua dele enroscando-se na sua... e a excitação... e sentiu que era tudo real.

Mais tarde, tornou a reunir-se aos convidados para a ceia, ao lado de Ulisses.

Notou Alexandre também, que a olhava com o mesmo olhar terno, porém sombreado por algum tipo de mágoa ou desapontamento. Lamentou por isso, lamentou por tê-lo feito imaginar coisas, mas ao mesmo tempo sabia que ele iria esquecer, e logo encontraria uma mulher, alguém que o faria tão feliz quanto ela estava sendo naquele momento.

Mais tarde, quando o último convidado deixava a casa, e a noite de Natal esvaía-se nas sombras da noite, ela e

Ulisses viram-na novamente: Um vulto pequenino e alegre, andando ligeira em direção ao portal e acenando para eles.

— A sua vizinha engraçada está indo embora – disse Ulisses.

— Preciso conversar um minutinho com ela...

Danna correu até a mulherzinha, antes que ela saísse.

— Espere! Quem é você, afinal? – Danna perguntou, de cenho franzido.

— Você não acredita nem em Papai Noel. Como vai acreditar na Mamãe Noel...?

Disse ela, dando uma risadinha e uma piscadela e saindo rápida através do portão.



Fonte:
Jossi Borges,
Presente de Duende, conto publicado em 2009, no site RomanZine.



O VELHO LOBISOMEM

Leniria R. Silva

CAUSOS E TEXTOS enviados por minha amiga Leniria Santos. Como ela, eu também fiquei arrepiada com as histórias narradas.

Os mistérios sobrenaturais são muitos, o mundo está cheio deles. Você também está preparado para sentir alguns arrepios? Então leia. Mas não leia à noite...

“O do lobisomem ocorreu com minha família quando eu era criança, o da mulher de cinza diziam que assombrava o prédio onde eu trabalhava e esse dos ‘pés de pato’ ocorreu com uma amiga minha, que se arrepiava toda ao contar!”

Leniria Santos

VOU contribuir com uma história que o povo lá de casa conta... Quando eu tinha uns onze anos no bairro em que eu morava tinha um senhor bem idoso, que todos comentavam que era um lobisomem.

Embora existisse esse boato, não tinha ainda relatos de aparições. Minha história aconteceu em um daqueles invernos muito rigorosos aqui do sul, sabem... Tem noites muito escuras e geladas, que se você levanta de madrugada não vê uma viva alma na rua.

De repente começaram os rumores sussurados sobre um enorme cão negro, que agitava os cães de toda a vizinhança. Uivos madrugada adentro, principalmente naquelas em que a bruma tomava conta das ruas e a névoa branca não permitia ver um palmo na frente do nariz.

Minha casa era bem na encruzilhada, local onde duas ruas se cruzam, formando uma cruz. Bom, aqui no sul existe um misticismo que é o local exato onde ocorrem as transformações do lobisomem, e para completar o quadro assustador, não existia cerca ou muros ao redor da minha casa, costume de um bairro antigo e sem o histórico de violência de hoje.

Em uma dessas noites geladas e solitárias, minha vizinha do lado, que era uma senhora de muita confiança e conceituada no bairro como pessoa séria, estava aguardando o filho chegar do trabalho, pois iria ficar até tarde e viria com o carro da empresa para casa, quando começou a agitação.

Nós tínhamos uma cachorra muito brava que não deixava cão algum se aproximar dela sem brigar. Conta essa minha vizinha que um enorme cão negro invadiu meu quintal e nenhum cão se aproximava dele, que rosnava muito, bravo e fazia com que todos os outros se encolhessem apavorados, até a nossa Lassie se recolheu assustada para sua casinha.

Minha vizinha viu tudo pela fresta da janela e viu quando o bicho fez toda a volta na casa e ficou parado, encostado na parede do meu quarto, que eu dividia com minhas irmãs e lá ele ficou arranhando o chão.

Bom, os casos continuaram até o final do inverno e só



acabaram quando o tal velho faleceu...

Arrepiante, mesmo... Eu nunca tive um caso tão próximo, assim. Naturalmente, houveram relatos mais antigos sobre o tema 'lobisOMEM', como os que meus pais e avós contavam. Mas assim, tão recente, não.

FONTE:

Leniria R. Santos
leniria_raquel@yahoo.com.br

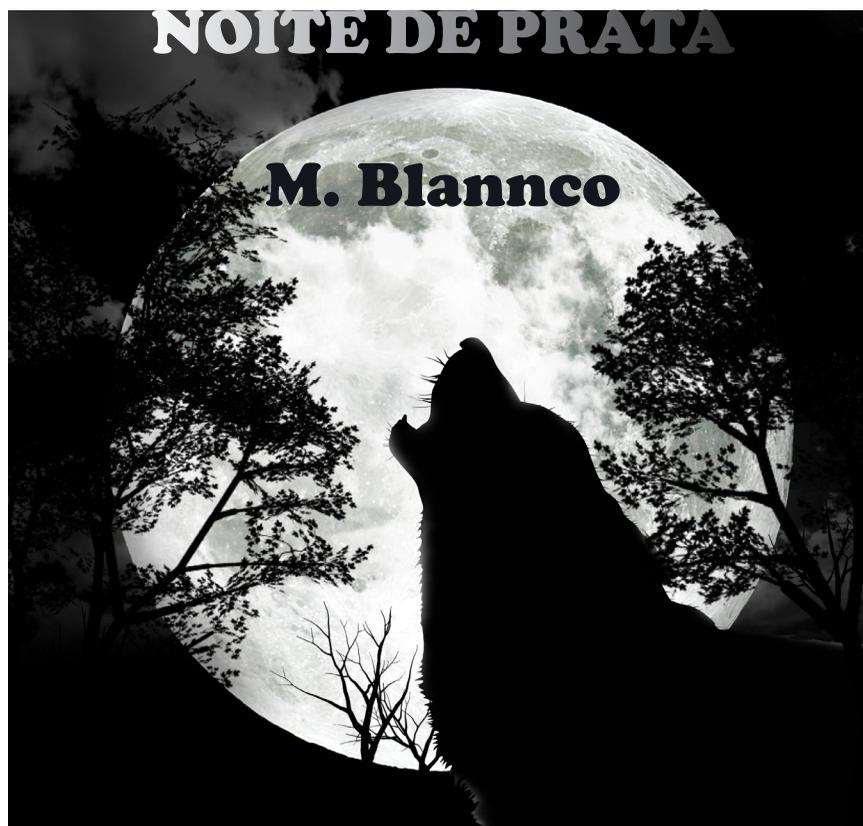
PARA SABER MAIS:

Dicionário Seres Fantásticos,
J. Felipe Alonso
A besta de Exmoor: Fato ou lenda?
Countryside Productions.
Dicionário do Folclore Brasileiro,
Luís da Câmara Cascudo.
**The History of Ghosts, Vampires and
Werewolves,**
Douglas Hill.
The Werewolf in Lore and Legend,
Montague Summers.

CURIOSIDADES!

O mito do LobisOMEM é muito antigo e provavelmente, teve origem na Grécia antiga. De acordo com o folclore brasileiro, o sétimo filho do sétimo filho torna-se lobisOMEM, e a sétima filha da sétima filha, torna-se Curacanga.

Pelo mundo, o LobisOMEM assume diversos nomes diferentes e algumas vezes, uma forma diversa, como a "Besta de Exmoor", o "Black Shuck" (Inglaterra), o Gulyabani (Azerbaijão), o Libahunt (Estônia), o Loup-Garou (França), etc.



Matilha

Noite clara. Lua cheia no fundo do céu.

A matilha corre em silêncio pelo declive sinuoso, vencendo a larga distância até a planície de prata. O chamado de um dos seus é imperioso – um apelo angustiante, impactante. A voz do sangue vem até eles como uma corrente de fogo, impulsionando músculos, ossos, tendões. Breve o alcançarão – para socorrê-lo, ou lutar até a morte contra o invasor que adentrara seu território.

Kyran enviou um comando ao grupo, apontando a trilha alternativa através da qual seguiriam dali em diante, paralela à imensidão branca e vazia, despidada de vegetação. O manto de gelo acumulado sobre o solo mostrava-se intacto, sem sinal de vida, humana ou não. Zel, à sua direita, volveu a cabeça ligeiramente por sobre o ombro, farejando os diversos aromas do ar. Acenou-lhe, um elevar discreto do focinho, informando a presença

de inimigos.

Apressaram-se, as patas riscando o caminho num só ritmo. O pelo de Kyran eriçou-se sob a intensa e repentina descarga de adrenalina.

A Forasteira

O líquido escuro alastrava-se sobre a superfície imaculada, lenta e ininterruptamente, como um rio, formando um rastro visível por quilômetros, alertando predadores, instigando a voracidade dos seres da noite.

O ferimento na coxa era grave, o sangue jorrava em profusão – tênue vestígio de cor no tapete branco –, sugando preciosos calor e energia vital. Não sobreviveria em tais condições e não tinha como encontrar um abrigo seguro antes de esvair-se no fluxo vermelho, antes de render-se à inconsciência.

Uivos. Agudos, assustadores, preenchendo o vazio do vento, abafando seu arfar descompassado, os batimentos erráticos de seu coração. Os espasmos

intermitentes de dor a pouco e pouco arrefeciam, acusando a dormência e insensibilidade traiçoeiras, subsequentes ao esgotamento da dor.

Ela desgarrara-se da equipe horas atrás, examinando as pegadas de um animal. Perdera-se na extensão embriagadora da tundra. E, então, escutou o tiro – um estampido ressonante perturbando a noite –, e uma fisgada violenta acima do joelho a fez perder o equilíbrio, desmoronar. Mais disparos. E gritos, os dela, tentando-se fazer ouvir. E, novamente, o silêncio opressivo e absoluto.

Não devia mexer-se – perderia as forças e tornaria mais difícil a possibilidade de resgate. Mas o pavor de ser abandonada ali para morrer era mais premente, não permitia que parasse. Em meio ao estado de desorientação, à fraqueza crescente, distinguiu os vultos cinzentos acercando-se, velozes, determinados, para frearem bruscamente diante dela.

Lobos.

Lobos enormes, parados em formação circular, os olhos penetrantes fixos nela, o pelo denso do pescoço literalmente em pé.

Notou a visão saindo de foco. Fiapos de névoa uniram-se a milhares de pontos negros minúsculos, formando um véu opaco, vago e disforme, que consumiu a paisagem deslumbrante.

Kyeran

Caçadores.

Kyeran conhece o odor, pode percebê-lo a muita distância. A proximidade dos humanos arrepia seu farto pelo prateado, acelera a circulação, imprime uma velocidade louca ao pulso em sua nuca. Ordenou ao clã que assumisse a forma animal tão pronto o cheiro de pólvora e sangue agrediu as sensíveis

narinas de Zel, e o lamento de um dos seus foi emitido.

O chamado do sangue. O elo mais poderoso que os unia, somente superado pela voz da noite, a mesma que os empurrava rumo às fronteiras da terra, a perseguir a caça, quando podiam libertar-se da vestimenta humana e se integrar à planície selvagem. Esta era sua herança, a marca de sua ancestralidade. Metade humanos, metade bestas.

Mas o sangue que os interligava também seduzia e atiçava os caçadores. Perseguiam o povo de Kyeran por tantas eras que mal os velhos se lembravam dos dias em que sua gente andava livre pelo mundo. As lendas contavam que as matilhas se espalhavam por todos os cantos, divididas em clãs numerosos. Não mais. Agora se ocultavam entre seus inimigos, vivendo nas sombras. Kyeran liderava o clã da Garra de Prata, que habitava as regiões extremas do norte congelado havia gerações.

O bando agrupara-se para sair em busca do irmão agonizante. Não pertencia a nenhum dos clãs. Um forasteiro, ou um visitante, talvez, pois um clã não invadia o território de outro sem permissão do líder, o que aumentava a urgência do resgate. Seu irmão estava sozinho, um alvo fácil rodeado de predadores vorazes. Kyeran estacou, deteve-se para aspirar a mistura de odores carregada pela corrente fria. Calculou quanto tempo levaria para alcançarem o local e se podiam despistar os caçadores e as criaturas da noite que vagavam pela tundra. Virou-se para o grupo, avaliou cada um deles e destacou Zel. Deu-lhe instruções precisas. O lobo branco aquiesceu e apartou-se da matilha, metendo-se por outra trilha, ao abrigo da muralha de rocha nua.

Ele confiava em Zel. A índole indomável, o gênio irascível, causavam

atritos no bando, mas ela tinha instintos extremamente desenvolvidos e sua resistência física era notável. Zel podia perseguir uma presa por mais tempo e com mais eficiência do que ele próprio, líder do clã, embora fosse a mais jovem do bando. Ele a havia encontrado – machucada, atada por grossas correntes, a um passo da loucura. Custou a recuperar o vigor, a incorporar-se ao grupo. A brutalidade a que fora submetida subtraía sua humanidade e lucidez. Kyeran não sabia da história de Zel, mas desde o princípio ficou claro que ela sempre estaria por um fio, à beira do precipício. Jamais retornou à forma humana, preferindo a liberdade e a quietude do lobo. A única conexão que conservava com a outra metade de sua natureza era a lealdade que devotava a Kyeran. Nunca falhara em uma missão nem desapontara a matilha.

Caçadores

Lobos. Feras.

Estavam perto. A familiar sensação de desconforto indicava a presença deles, não obstante ele não houvesse descoberto vestígios da matilha.

Adiantara-se aos companheiros, como de costume, por ser o melhor rastreador, curtido nos rigores do ambiente inóspito da região gelada.

Já se defrontara com a matilha antes. Anos atrás.

Lembrou-se do líder, o impressionante lobo cinzento de dorso prateado, e do fulgor que emanava de seu olhar inclemente.

Kyeran.

Haviam-se enfrentado uma vez. Seu oponente poderia tê-lo aniquilado, mas deixou-o vivo. Talvez houvesse pressentido os outros humanos, caçadores como ele. Talvez o achasse insignificante

demais, ou não o quisesse morto ainda. Compreendia que estavam destinados a encontrar-se muitas vezes naquele tempo, até que um deles tombasse, ou ambos estivessem exaustos. Ele não sabia dizer. Não lhe tinha ódio ou rancor. Kyeran fora seu irmão um dia, andara a seu lado por muitas trilhas. Riram, trocaram confidências e esperanças, beberam e comeram juntos, dormiram ao redor do fogo, embaixo do céu marejado de estrelas, embalados pela música da noite. Ele amara Kyeran, talvez o amasse ainda. Sentia tanta falta dele que o peito lhe doía, ao pensar no que haviam partilhado. Mas o amigo, seu irmão de alma, não era um homem, não como ele.

Nunca dera ouvidos às histórias que os homens das montanhas contavam nas noites frias, a ingerir aguardente, após a caçada, ou nas lendas que corriam de boca em boca pelas aldeias. Até ver Kyeran assumir a forma da besta diante dele – um monstro, uma aberração, algo que sequer devia existir.

Até conhecer a verdade.

Kyeran era uma criatura da noite, um ser dividido entre a luz e sombra, metade homem, metade fera, descendente de um povo amaldiçoado, quase extinto. O chamado do sangue – como denominavam o vínculo que unia a matilha, composta de indivíduos de uma mesma linhagem ou clã – viera a ele com a morte do pai. Os mais velhos do grupo preparavam a cerimônia de iniciação, quando o novo integrante era ungido com os óleos do mistério e da visão, banhado com a água negra resultante da maceração de ervas e raízes, coberto com as vestes rituais e, por fim, levado ao círculo de poder, em torno do qual se reunia todo o clã para invocar o espírito ancestral do lobo. A transmutação que ocorria a seguir incorporava a forma animal à forma humana e

permitia que o homem se tornasse lobo e o lobo se tornasse homem. Mas apenas o lobo podia caminhar na noite, sob a proteção do luar, a luz de prata.

A gente das aldeias não gostava de lobos. Lobos eram feras perigosas e famintas, atacavam rebanhos e peregrinos solitários no inverno. Batedores como ele vasculhavam a tundra à procura de pegadas, incansáveis, mortais. Diziam matilhas inteiras. Exceto a de Kyeran. Porque eles não eram como os outros. Tinham habilidades sobrenaturais, misturavam-se às pessoas comuns, passavam despercebidos na forma humana. Capturara um deles, uma fêmea, uma besta medonha que despedaçara a garganta de dois dos melhores caçadores da região. Mas Kyeran o impedira de exterminar a fera.

Novamente, o inverno cobria a tundra. Os uivos longínquos denunciavam a vinda dos lobos. E a proximidade da matilha.

Há dias perseguia um deles. Avistara-o na forma humana, mas conseguia identificá-los muito bem. Todos exibiam a marca de sua maldição: aqueles olhos descorados – um cinza metálico que paralisava os nervos e afugentava a coragem dos bravos – e a garra de prata tatuada no antebraço esquerdo.

Resgate

Olhos de prata.

A primeira coisa que surgiu em seu campo de visão. Como uma imagem refletida no espelho. Ela própria.

Forçou-se a erguer o tronco, apoiando-se nas mãos nuas, entorpecidas pelo frio. Precisara retirar as luvas para improvisar um torniquete.

Desmaiara, imaginou, pois sentiu que se ausentava da realidade, como num son-

ho. Não conseguia dizer quanto tempo se passara desde o momento em que as pernas haviam falhado, não mais suportando seu peso. Tinha uma vaga recordação de ter visto lobos, vários. Não tinha como afirmar.

Acordou debaixo de uma manta de peles, sentindo o calor no rosto, o suor grudando-se à pele. Ao fundo, o ruído de madeira estalando, sendo devorada pelas chamas. Tentou libertar-se do casulo formado pelas cobertas, mas a pontada súbita na perna tirou-lhe a estabilidade. Concentrou-se em regularizar a respiração para espantar a náusea e a vertigem.

Uma mão áspera e endurecida pousou em sua testa, deslizou pelo maxilar até o pescoço, detendo-se no ombro. Suave como a carícia de um amante, acolhedora como um refúgio seguro.

Ela fitou o dono daquela mão, avaliou o homem atlético agachado ao seu lado. Notou os músculos rijos e volumosos que as roupas grossas não alcançavam esconder, a aura de poder e autoridade que se desprendia dele. Calculou que seria bastante alto, a julgar pelo comprimento dos membros. Tinha uma graciosidade felina, elástica; ao mesmo tempo, transpirava ameaça e perigo. Um predador.

Não desgrudava os olhos dele, do rosto bem feito, mas grave, de linhas retas, duras. Os cabelos lisos e bastos à altura do queixo, a barba por fazer, a cicatriz gravada na têmpora: detalhes que acentuavam o porte real, majestoso. Mas o traço marcante daquela face incomum eram definitivamente os olhos, que causavam estranheza e mal-estar, de um cinza muito claro, metálico. Olhos translúcidos, hipnóticos, implacáveis, cruéis.

Zel

Humanos.

Caçadores.

Zel farejara seu rastro.

O que ia à frente colocara boa distância em relação aos demais. Um batedor, talvez. Ela continuou margeando a parede de rocha, devagar, na direção do vento, assim como o humano. Também ele queria passar despercebido, tornar-se invisível. Era experiente.

Mas não o bastante para os sentidos treinados do lobo branco.

Zel o encontraria em qualquer lugar.

Reconheceu o cheiro, as pisadas leves, a respiração pausada, o modo como os dedos alisavam a camada de neve fresca. Lembrou-se da armadilha com dentes de aço, cortantes como navalhas afiadas, que haviam lacerado e penetrado sua carne, triturando, rasgando. Lembrou-se dos olhos baços no semblante inexpressivo que observava sua agonia.

Lembrou-se do sangue, seu sangue, tingindo de rubro o manto prateado que revestia a tundra.

Recordou-se de afundar num mar escuro, à medida que se entregava ao abraço da morte. E da beleza inebriante da vastidão desértica e intocada, indiferente a seu sofrimento. Recordou-se do urro aterrador do lobo cinzento que se projetou sobre seu algoz, numa investida certa e mortífera, e de como, no derradeiro segundo, abandonou a presa e voltou-se para ela. Com aqueles olhos hipnóticos, de tirar o fôlego, cheios de compaixão e amor.

Kyeran.

Ele a salvara. Vira-o transformar-se, tomar a forma humana – alto, uma massa de músculos, cabelos negros escorridos, pele morena de tom oliva. Mãos fortes e

destras reduziram a fragmentos inúteis a boca faminta que a devorava.

Talvez se houvesse apaixonado naquele instante. Talvez o tivesse amado antes mesmo de conhecê-lo, pois uma parte dela sempre estivera à espera dele, consciente ou não. Morreria por ele, mil vezes, se isso fosse possível. Mas Kyeran não podia retribuir esse sentimento, não como Zel desejava. O afeto que compartilhava com ele era o mesmo que irmanava os membros da matilha, seus irmãos de sangue.

Aprendeu com ele o chamado do sangue. Ela a ensinou a ter orgulho de sua estirpe, a entender o que era, não uma monstruosidade, mas um ser extraordinário. Mas nada disso foi suficiente para recuperar sua sanidade. Talvez nem mesmo o amor de Kyeran fosse capaz de apaziguar seu coração atormentado, partido tantas vezes.

O estalar de folhas secas trouxe-a de volta ao presente.

Tinha recebido uma missão: distrair os caçadores. Mas o ódio que revirava suas entranhas reclamava justiça, ou vingança. O batedor era inimigo, uma ameaça a seu povo. Não devia estar vivo.

Um som distinto chegou até ela – as vozes da matilha.

O bando encontrara o irmão que precisava de ajuda. Uma fêmea na forma humana, ainda não despertada. Sentiu sua dor. E outra emoção, intensa, avassaladora, que emanava de Kyeran para a mulher, algo que Zel nunca experimentara. A matilha estava intimamente conectada, não havia segredos entre eles, a não ser que fechassem suas mentes. E somente Zel fazia isso. Essa ligação era essencial para a sobrevivência do clã.

Entrar na mente de Kyeran foi um golpe excruciante. Ficou sem ar. As patas dianteiras arriaram, frouxas, enquanto

ela tentava acalmar o pulso desgovernado. Kyeran encontrara sua parceira, destinada a ele por direito e linhagem, ainda que a mulher não soubesse disso. Mas o afeto e o vínculo que se formava entre os dois, a maneira como ele a tocava e seus olhares se fundiam, não deixavam dúvida. Eles pertenciam um ao outro.

Zel foi engolfada pela alegria e contentamento que tomavam conta da matilha – Kyeran não mais caminharia sozinho, e seu filho guiaria o clã depois dele. Queria ter sido escolhida por Kyeran, estar com ele até o fim de seus dias. Sufocou um gemido torturado. E todo o rancor, mágoa e desesperança resumiram-se no ódio pelo humano.

Sacudiu a cabeça para clarear o cérebro. Os olhos prateados chispavam, a mente desligou-se da matilha. Cegada pela dor lancinante, em seu destino, agora, só existia o caçador.

Propositadamente, fez-se pressentir por sua presa. Soltou um uivo rouco e aterrador e venceu o declive num átimo, interceptando a rota de fuga do humano. Manteve-se imóvel, à espreita.

O homem virou-se sem pressa, firmou os pés, curvou levemente o tórax para frente.

Zel impulsionou o corpo num salto perfeito e caiu graciosamente às costas do caçador. Girou o corpo, rosnou, chamando o adversário para o combate.

Homem e animal enfrentaram-se – caça e caçador em face de um final imprevisível. Na tundra, os papéis se invertiam rapidamente.

Acampamento

O perfume da carne tostada encheu seu olfato, fez salivar a boca seca. Estava faminta.

Acomodara-se como pudera no

abrigo de peles que fora arranjado para ela junto à enorme fogueira. Havia tratado de sua ferida – o homem de olhos atordoantes aplicara um unguento recendendo a cânfora e mel que amainara a o latejar debilitante e estancara o sangue. Não imaginava que tipo de medicina usavam, mas, no pouco tempo que passara, recuperara a sensibilidade da perna. Ensaçou alguns movimentos, examinada atentamente pelo grupo.

Especulou se seriam nômades ou exploradores, embora ficasse evidente que tinham algum parentesco, pois se pareciam fisicamente, apesar de pequenas diferenças, detalhes mínimos, impossíveis de serem apreciados num primeiro olhar. Todos possuíam aqueles olhos cinzentos, prateados, a tonalidade oliva da pele, físico semelhante – músculos impressionantes, flexíveis, esculpados, agilidade e destreza inumanas. Pouco falavam entre si e o faziam num idioma desconhecido.

O homem que cuidara de seus ferimentos com uma delicadeza que não combinava com as mãos fortes e grandes, mais preparadas para o combate e o trabalho árduo, cortou fatias da carne assada, depositou-as em folhas verdes e dirigiu-se a ela. O aroma era delicioso, com um toque de especiarias. Observou enquanto ele se sentava sobre as pernas dobradas, partia a carne em pedaços e os envolvia em migalhas de pão. Ela admirou os dedos longos e bem feitos. Viu que ele sorria, um sorriso torto no canto da boca carnuda. Sentiu-se corar. Poderia perfeitamente comer sozinha, mas a sensação de ser alimentada por aquele homem mortalmente atraente, no acampamento esquecido em meio à tundra deserta e gelada, era certamente a coisa mais erótica e sensual que já vivenciara.

Kyeran. Era como o chamavam.

Por mais absurdo que pudesse parecer, sentiu-se imediatamente conectada com ele e com os outros.

Kyeran a contemplou de uma maneira que fez todo o sangue estacionar em seu rosto, com uma intensidade que a deixou muda. E ela perdeu-se naquele olhar.

Um burburinho de vozes começou a insinuar-se. Vozes cheias de entusiasmo, risonhas, elevando-se acima dos barulhos da tundra. Para seu espanto, verificou que as conversas vinham dos homens reunidos ao redor do fogo, embora suas bocas não se mexessem. Um arrepio percorreu sua espinha. Talvez estivesse febril.

Kyeran separou outro pedaço de carne. Ela interceptou sua mão, enlaçou os dedos em torno de seu pulso, um aperto débil, mas que disparou uma corrente elétrica por cada fibra de seu ser.

- Anna. Meu nome é Anna - falou.

- Anna. - a voz era modulada, profunda, terna. Ouvi-lo repetir seu nome a aqueceu por dentro.

Se não estivesse enfraquecida devido à perda de sangue, abalada pelo frio e pelo medo que se havia apoderado dela pouco antes, acreditaria estar sofrendo alucinações, porque estava apaixonada por ele. Como se o tivesse amado sempre. Tinha tanta certeza de pertencer a ele como de estar viva.

Não importava. Optou por embarcar naquele desvario com a sofreguidão de um naufrago ao ser resgatado do mar ciumento.

Confronto

O lobo branco.

Reconheceria a besta mesmo se não estivesse diante dele, mirando-o com aqueles olhos aguados, de prata liquefeita. A fêmea. Kyeran o privara de seu prê-

mio, tirando-lhe o prazer de acabar com a vida miserável da criatura. Mas a sorte lhe oferecia uma segunda chance.

O animal o testava, incitava, provocava, esperando que cometesse um erro, um deslize. Saltara sobre sua cabeça num movimento inesperado. Para confundi-lo, é claro. Mas ele era um caçador. Aprendera com seu pai, e com o pai de seu pai, e com os homens da aldeia que perseguiram e exterminavam as matilhas.

Ao contrário dos caçadores, porém, ele sabia que o lobo branco pertencia ao Demônio, assim como todos os que vivem entre dois mundos. Nunca chegou a revelar a ninguém o que sabia, porque não compreenderiam, não conheciam como ele os mistérios e os segredos da noite.

Puxou a faca da cintura. Preferia enfrentar o inimigo num combate corporal. Uma luta limpa, leal, honrada. Não teria vitória fácil. O olhar vidrado da fera dizia que o embate somente terminaria após a morte de um deles. Escutou o rosnado do animal. Avançou com cautela. Uma passada curta. A brisa gélida soprou o pelo do lobo. Nem um movimento de seu adversário, como se até a respiração da fera estivesse contida.

Ele continuou hesitante, a tensão retesando seus nervos. Um pouco de medo também. O hálito ardente do animal bateu-lhe no rosto.

Um rugido ecoou pela vastidão da tundra, seguido de outro. Os homens tinham localizado seu rastro e atiravam, mirando o lobo. Um ímpeto de fúria o invadiu. Praguejou. Girou sobre os calcanhares, vociferando contra aqueles que se intrometiam em sua luta, irrefletidamente ficando de costas para a besta. Um terceiro disparo passou zunindo por sua orelha esquerda, raspou o corpo do animal, que emitiu um uivo ensandecido e, sem mais vacilar, pulou sobre ele, en-

ganchando a mandíbula em seu pescoço, comprimindo sua jugular com garras de ferro. O sangue esguichou de sua garganta aberta. O peso do animal o empurrou para baixo, enquanto os caçadores derrubavam a fera com machados, facas, paus. A pressão em sua garganta aumentou, apagando a tênue réstia de luz, obscurecendo o céu espetacular da tundra.

O Chamado do Sangue

Zel.

Kyran soube que a perdera. Sentiu a quebra de energia, como um elo partido na corrente.

Não pressentiu o perigo, Zel desconectara-se da matilha - ela gostava do silêncio, preferia manter seus pensamentos em segredo, uma atitude perigosa para o grupo. Contrariando os conselhos dos mais velhos e seu próprio julgamento, Kyran aceitava a rebeldia de Zel, era sua forma de amá-la. Se a pressionasse demais, poderia esvaír-se de vez.

Ondas de frio. Dor.

Ele deixou-se cair de joelhos, mortificado, levando as mãos ao ventre, ao buraco que se abria em sua carne. Sentiu-se asfixiar, o coração constricto. Os braços amorosos de Anna enlaçaram seus ombros, amparando-o, acolhendo-o em seu colo macio. Lágrimas brotaram de seus olhos e desceram abrasadoras, umedecendo o rosto distorcido pela ira. Seu pranto convulsivo calou a tundra.

Por um instante, a felicidade de encontrar sua parceira foi ofuscada pelo desespero. Amara Zel, mais que a nenhum outro, não o amor que ela esperava e que nunca lhe pertenceria, porque ela não era sua companheira de alma.

Anna enxugou suas lágrimas com beijos, afagou sua testa, correu os dedos por seus cabelos, aqueceu seus lábios com

os dela. Kyran quis mergulhar naquele olhar de prata, de um brilho incandescente, os olhos de seu povo, olhos que estariam para sempre com ele. E apesar da agonia insuportável, maravilhou-se com as dádivas do Universo, que enviara uma mulher dos confins da terra para cruzar seu caminho exatamente ali, naquele preciso momento.

Alvorada

Humanos. Caçadores. Assassinos.

Nunca os deixariam em paz, nunca os deixariam viver, criar seus filhos.

O ódio cru e primitivo reclamou sua alma.

Jamais viveriam junto aos humanos, como iguais. Parte dessa crença desapareceu quando seu melhor amigo o renegou, como se ele fosse indigno. A expressão de horror com que o fitara, o modo como cuspira seu desprezo, o asco que vira nele, embruteceram-no. Rolan era seu irmão, a quem ele amou incondicionalmente, o mesmo amor que dedicou a Zel.

Não, não haveria paz, porque os homens eram vítimas da ignorância, de Deuses e Demônios, enxergavam o mundo em branco e preto, incapazes que eram de distinguir os variados matizes de cinza existentes no mundo.

A noite esmaecia, faixas avermelhadas subindo no horizonte. Anna adormecera em seus braços, exausta, encolhida em torno dele. Pouco haviam falado e havia muito a dizer, ela ainda não despertara - não conhecia o espírito do lobo. Mas Kyran podia ver seu futuro com ela. Um dos dons de seu povo: a visão. Embora nenhum deles fizesse uso desse poder em vão. Antever o que está por vir trazia mais sofrimento do que esperança.

Por isso, recusara-se a espiar o fu-

turo de Zel.

Tinham encontrado o corpo, ou o que restara dele, destroçado, esquarterado, a cabeça decepada, carregada como um troféu, certamente, na mochila de algum caçador. Havia sangue humano também, em quantidade, misturando ao sangue de Zel. Talvez ela tivesse sido acuada, talvez tivesse atacado o humano na tentativa de fugir.

Mas o coração de Kyeran contava outra coisa, dizia que Zel partira para a morte com uma firme resolução, como se não houvesse amanhã.

Ele e os outros entoaram cantos, entregaram sua irmã aos elementos, enviaram preces aos antepassados, uivaram para a lua. E reuniram-se para receber a alvorada, outro amanhecer no solo inóspito da tundra, seu lar, enquanto os derradeiros suspiros da noite esgueiravam-se para longe da planície de prata.

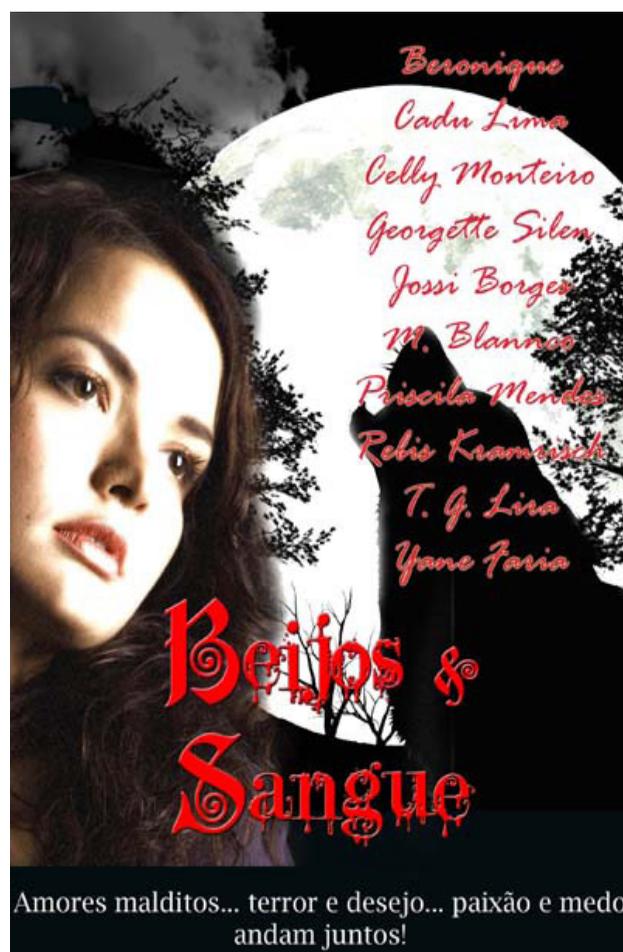


Maya Blannco nasceu no Rio de Janeiro, cidade onde vive até hoje. Formada em Arquitetura e Direito, trabalha, atualmente, na área jurídica. Expõe seus textos na internet, em blogs, sites, comunidades e em seu próprio blog, criado para divulgar um folhetim que está escrevendo. Conheça o site [Contos e Folhetins](#).

Conheça novos autores brasileiros de ficção, fantasia e sobrenatural!

Pelo Clube de Autores,:
BEIJOS & SANGUE

Uma antologia com o melhor do conto sobrenatural moderno do Brasil. Novos autores mostram o lado fantástico, sombrio e bizarro do amor: Romances de tirar o fôlego, ao mesmo tempo comoventes e assustadores. Na presente coletânea, quatorze contos apresentam mitos ligados às histórias e lendas urbanas de terror, todos com seu toque misterioso de romantismo. Os novos autores brasileiros chegam trazendo novas facetas do vampirismo, da magia e do horror. Com seu estilo inovador e inusitado, nos apresentam ao mundo fascinante do amor mórbido entre humanos e monstros, vampiros, lobisomens, fantasmas, demônios e bruxos. Prepare-se, porque eles vão invadir sua vida e seu coração!



Contatos com autores e/ou editores desse zine:
jossiborges@gmail.com